

Fátima Campos Ferreira (F. C. F.) — Boa noite.

Informar, debater e reflectir, esta tem sido a missão do «Prós e Contras» e assim continuará neste início de 2006.

Nunca como hoje foi tão premente compreender o que se passa à nossa volta, no país e no mundo. A globalização económica e tecnológica e o impasse da União Europeia deixaram-nos por nossa conta. Tornou-se urgente a revolução de mentalidades e atitudes que impeça o que parece ser o inevitável empobrecimento dos portugueses.

É importante aumentar o esforço, ouvir, reflectir, perceber, agir e falar verdade.

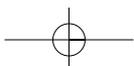
O «Prós e Contras» tem tentado contribuir com diversidade de matérias e pluralismo de opiniões. Temos tocado nas grandes questões nacionais e internacionais. É, de facto, o fórum mais alargado da televisão portuguesa. É este o caminho que definimos e planeámos também para 2006.

A estratégia dos dois primeiros programas passa pelo aprofundamento do debate sobre a sociedade portuguesa, enfrentar a ferida do pessimismo e tentar compreender porque continuamos resignados.

Na próxima semana, lançamos o olhar sobre o país económico e financeiro que nos espera em 2006. Vai estar aqui o ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, e outros especialistas económicos.

Hoje, iniciamos o ano com uma pergunta — o que estamos a fazer por nós próprios, quem somos, e como é que temos evoluído?

Um bilhete de identidade em português, partilhado esta noite por Maria Filomena Mónica, José Pacheco Pereira, Boaventura de Sousa Santos e Miguel Portas.



A professora Maria Filomena Mónica publicou há muito pouco tempo uma obra a que deu precisamente o nome *Bilhete de Identidade*, é uma autobiografia, mas é muito mais do que isso. É também um retrato sociológico do Portugal dos anos cinquenta, sessenta, e parte dos setenta. Nele se cruzam muitas ideias sobre os portugueses, sobre as instituições desses anos.

Senhora professora, se este livro continuasse a ser autobiográfico e se tivesse cruzado estas opiniões nos anos oitenta e noventa, como é que descreveria, em traços largos, o Portugal que está a iniciar agora o ano de 2006 e que viveu a década de 90 e de 80?

Maria Filomena Mónica (M. F. M.) — Se nós compararmos os dias de hoje com os dias das décadas de 40 e 50, que foram as décadas formativas do meu carácter, é evidente que estamos imensamente melhor. Nesse sentido, a nota é de optimismo, porque Portugal, sobretudo no que diz respeito aos bens básicos de consumo, está muito melhor. Há qualquer coisa, a chamada pobreza absoluta, que existia nessa altura, que é diferente daquela que hoje contemplamos. Então, havia pessoas que morriam de fome e que eu sabia que morriam de fome. Embora vivesse num bairro da classe média-alta lisboeta, via muitos pobres pelas ruas, assim como via pobres na aldeia do meu pai. Portanto, não há comparação possível: Portugal nos anos cinquenta e Portugal no ano 2000 são dois mundos totalmente diferentes.

F. C. F. — Dois mil e seis.

M. F. M. — E seis, se quiser.

F. C. F. — Mas é um país que evoluiu aquilo que seria razoável que tivesse acontecido?

A revolução a que assistiu e para a qual teve também tantos sonhos e esperanças trouxe enfim ao país o dinamismo e o desenvolvimento que esperava?

M. F. M. — Não tanto o desenvolvimento, nem é isso o que mais me importa, embora seja básico. O que nos trouxe foi a liberdade. Se nós não tivéssemos tido a Revolução de 74, eu não estaria aqui a falar consigo.

F. C. F. — Claro.

M. F. M. — Nem poderia escrever artigos para os jornais, nem me poderia reunir com os amigos com quem me reúno. Fundamentalmente, o que aconteceu foi uma ruptura no sistema autoritário que me permitiu dizer o que penso e sentir-me livre. Isso para mim é o mais importante.

F. C. F. — A professora no final do livro escreve esta frase, aliás, cita o Eça, sobre a fealdade deste povo «molengo». Os portugueses continuam a ser um povo molengo?

M. F. M. — Continuam. É isso que, em grande medida, justifica o meu pessimismo. Trabalhamos pouco e mal quando comparados com os outros povos europeus. Eu vivi lá fora durante alguns anos e sei como é que lá se trabalha. Nós somos desorganizados — a lista de ma-leitas é infindável —, somos um povo molengo, molengo e feio, porque ancestralmente somos pobres. Se olhar, as novas gerações têm mais dez centímetros do que nós e são mais bonitos do que as gerações dos nossos pais.

F. C. F. — Há um estudo do professor Pedro Egipto e do professor Vasconcelos e Sá, um estudo recente, que chega à conclusão que Portugal terá cerca de cem anos de atraso relativamente aos restantes países da Europa, particularmente aos primeiros da União Europeia. Subscreve? É essa também a ideia que tem do país?

M. F. M. — Portugal tem um atraso ancestral. O país teve azar; não tem recursos fundamentais, bons rios, terra arável, dimensão do mercado. Tudo isto são factores estruturais, mas eu não entrei aqui para dar uma aula de História. Tem sobretudo o azar de estar situado na Europa. Se estivéssemos noutra continente, provavelmente sentir-nos-íamos até muito bem entre os outros países pobres. Nós sempre fomos um povo pobre num continente de ricos. A Europa... Em miúda, eu ainda dizia «quando for à Europa», ficava para lá dos Pirinéus. Nós estamos suficientemente perto do centro da Europa para sentir complexos de inferioridade, e esses complexos continuam a existir e são justificados, particularmente nos últimos anos em que, de re-

penete, começámos a divergir do desenvolvimento europeu. Isto é trágico.

F. C. F. — Muito trágico, de facto. Professor Boaventura de Sousa Santos, o que é que falta aos portugueses para se darem conta definitivamente do que se passa à sua volta? Porque os portugueses vivem muito fechados sobre si próprios, não só o país, mas os portugueses em si e cada um. O que é que falta? Porque é que não acordamos?

Boaventura de Sousa Santos (B. S. S.) — Eu acho que estamos acordados. Não concordo com as análises de cariz psicologizante que têm vindo a ser feitas e lembro, por exemplo, o livro de uma pessoa que muito estimo, o professor José Gil, *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*.

São análises recorrentes na sociedade portuguesa e, curiosamente, as passagens de século são sempre assim. Basta ver o que aconteceu, por exemplo, na passagem para o século xx, com a geração dos Vencidos da Vida, com o Ultimato inglês, também foi uma geração de pessimismo como é esta. Normalmente há razões históricas...

F. C. F. — Mas vinham de um período de grande brilhantismo, os Vencidos da Vida vinham de um período que tinha dado origem à Geração de 70, de grande brilho intelectual e de grande dinamismo no país.

B. S. S. — Foi um período longo. Se vir bem, é o seguinte: há sempre razões, digamos, sociológicas e históricas, que explicam a situação de um país num certo momento. Eu realmente não vou muito pelas leituras psicologizantes do carácter dos portugueses. Porque, se olhar bem, ao longo do século xx houve várias leituras. Lembro, por exemplo, nos anos 50, o Jorge Dias, que estudou a personalidade básica dos portugueses. O Unamuno, que numa entrevista ao António Ferro dizia «os portugueses são os castelhanos sem ossos».

F. C. F. — Ai, que horror!

B. S. S. — Ou Natália Correia, que dizia que Portugal e Espanha eram a fêmea e o macho. Portugal é contemplativo, os portugueses

são românticos, são avessos às grandes ideias, dizia o Jorge Dias. Ou seja, criou-se uma série de ideias — agora também o medo de existir, no caso do José Gil. Penso que estas análises dizem mais sobre nós, isto é, sobre as elites culturais, do que sobre o povo português. E o que nós temos que entender é fundamentalmente isso. A Filomena Mónica já o referiu. Não é a questão de atraso em termos absolutos, é o facto de Portugal ter realmente, ao longo dos séculos, uma condição sociológica muito persistente, que é o que nós chamamos um desenvolvimento intermédio. Ou seja, Portugal, desde o século XVII, a partir do momento em que perdeu a hegemonia da primeira fase da Expansão, passou a ser um país de desenvolvimento intermédio. Era um país colonizador, centro do Império, mas era uma colónia informal da Inglaterra. É um país que ainda hoje tem características de Primeiro Mundo e de Terceiro Mundo. Ser um país de desenvolvimento intermédio é muito complicado, e é particularmente complicado na Europa. Na altura, veja, em 1890, o que é que aconteceu? Portugal quer afirmar-se como centro do Império em Moçambique e os ingleses dizem «Se vocês quiserem ficar com os territórios entre Angola e Moçambique, nós tomamos Lourenço Marques». Não tínhamos vasos de guerra para colocar em Lourenço Marques e tivemos de ceder.

Hoje em dia penso também que, no momento crucial em que nos queremos assumir como plenamente europeus, temos dificuldades devido a esta estrutura de desenvolvimento intermédio, pois não somos nem Primeiro Mundo nem Terceiro Mundo, mas uma mistura que é uma mistura complicada, que faz com que seja difícil a convergência final.

No sistema mundial em que nós vivemos, é muito difícil entrar no clube dos desenvolvidos. Se olhar para a Europa, só dois países entraram verdadeiramente no clube dos desenvolvidos depois do pós-guerra. Enfim, se descontarmos a Finlândia, um caso separado. Foi a Itália nos anos sessenta e agora a Espanha. Quarenta anos depois.

F. C. F. — E quer entrar no G7, um dos mais ricos.

B. S. S. — E entrou. À custa de Portugal, aliás.

F. C. F. — Bem, mas ainda não entrou!